

Fazer rádio online com crianças e jovens

MANUAL DE SUGESTÕES

Página técnica

Ana Jorge, Maria José Brites, Ester Minga
Lisboa, Janeiro 2016
ISBN: 978-989-20-6376-8
Edição: Centro de Investigação Media e Jornalismo
Paginação e design: Susana Duarte
pt.radioactive101@gmail.com
http://pt.radioactive101.eu









Projetos parceiros do RadioActive101 desde Fevereiro 2015 (Prémio Inclusão e Literacia Digital, Rede TIC e Sociedade): Escolhe Vilar E5G (Vila Nova de Gaia), Espaço J E5G (Lousã), Esperança E5G (Sacavém, Loures), Multivivências E5G (Espinho), Novos Desafios E5G (Mira-Sintra), OrientaTe E5G (Rio de Mouro, Sintra).

Projetos parceiros do RadioActive101 desde Janeiro 2013 (Comissão Europeia, Programa Aprendizagem ao Longo da Vida): Catapulta E5G (Porto), Metas E5G (Porto), Trampolim E5G (Coimbra), EntrEscolhas E5G (Gondomar).

Contribuidores neste Manual: Ana Isabel Ferreira, Daniel Catalão, Gualter Santos, João Paulo Meneses, Jorge Guimarães Silva.

Índice

Introdução 4
O que são o RadioActive e a RadioActive101 4
Conhecer o grupo 7
Começar 9
Conhecer melhor os meios de comunicação 11
A nossa estação 14
Planear a programação 15
Jornalismo radiofónico 17
Géneros jornalísticos 20
Outra programação 21
Financiar e legalizar 22
Financiamento e sustentabilidade 22
Legalização 24
Equipar 25
Estúdio de rádio 25
Montar o estúdio de rádio 26
Microfones 28
Aos microfones 31
Técnicas vocais 32
Criando sons para a “nossa” rádio 33
Sonoplastia 34
Fazer-se ouvir 38
Emissão online 38
Chegar à audiência 39
Refletir e aprender 41
Especificações de qualidade (Emissões de rádio) 42
Links e recursos 45
Referências 50

Introdução

O QUE SÃO O RADIOACTIVE E A RADIOACTIVE101

O RadioActive é um projeto educativo que usa a rádio na internet como uma oportunidade para capacitar comunidades em risco de exclusão do sistema educativo e da vida profissional ativa, abordando assuntos de cidadania e cultura de forma atrativa. Começou a ser implementado em Portugal em 2013, no âmbito do RadioActive Europe, com financiamento europeu, e em 2015 o projeto foi reconhecido pelo Prémio Inclusão e Literacia Digital da Rede TIC e Sociedade. Em 2015, a RadioActive101 – a rádio do projeto – passou assim a contar com a participação de 10 centros de jovens apoiados pelo Programa Escolhas.

Com efeito, depois de, em 2013 e 2014, ter sido financiado pelo programa Aprendizagem ao Longo da Vida da Comissão Europeia para a implementação em cinco países europeus (Alemanha, Malta, Portugal, Reino Unido e Roménia), o RadioActive recebeu, em finais de 2014, o Prémio Inclusão e Literacia Digital que lhe foi atribuído pela Rede TIC e Sociedade, para a expansão da rede entre fevereiro de 2015 e janeiro de 2016. Além de formação técnica a monitores de inclusão digital, o RadioActive cede equipamento de rádio e acompanhamento das atividades por um grupo de investigadores, com progressiva autonomização das equipas. Foram também promovidas visitas dos grupos de jovens a meios de comunicação social, especialmente a rádios, por se acreditar que a compreensão sobre o modo de funcionar desses meios ajuda a perceber melhor como funcionam no dia-a-dia de todos nós (como se pode ver nos exemplos da Secção 'Conhecer melhor os meios de comunicação').

Em Portugal, as populações-alvo do RadioActive têm sido as crianças e os jovens, como, de resto, aconteceu no Reino Unido e na Roménia; em outros países do consórcio europeu, a promoção do envolvimento, da aprendizagem informal e da empregabilidade de pessoas em risco ou em exclusão do ensino e de vida profissional ativa foi ativada junto de outras comunidades – por exemplo, em projetos intergeracionais na Alemanha.

Assim, no nosso país, a parceria com o Programa Escolhas, que coincidiu com a sua quinta geração (2013-15), foi um passo natural, já que este programa governamental apoia, desde 2001, projetos que se destinem à inserção de crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade, atuando para a sua capacitação educativa e cívica. Além disso, os mais de 100 Centros de Inclusão Digital (CID) trabalham desde 2004 para incluir e capacitar grupos mais desfavorecidos na relação com as tecnologias digitais (Vieira, 2015).

O RadioActive está alinhado com as diretrizes da agenda europeia ao nível da educação ao longo da vida e da aposta numa investigação ativa com dimensão social. A metodologia que tem sido usada por todos os envolvidos, desde a primeira fase, segue os princípios da investigação-ação participativa, muito influenciada pelo trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. O projeto centra-se nas particularidades de cada comunidade em que atua, de forma a que os participantes estejam ativamente presentes nos processos de discussão, análise e produção dos conteúdos da rádio. Assim, o desenvolvimento de competências está intimamente ligado a um processo de diálogo.

Desta forma, a educação para a produção de rádio é a parte mais visível de um processo de envolvimento e capacitação para discussão dos temas relevantes para cada comunidade, ao mesmo tempo que amplifica as suas possibilidades de se fazerem ouvir por outros grupos. Os temas que as crianças e os jovens portugueses têm desenvolvido desde 2013 na RadioActive101 são muito diversos e incluem emissões dedicadas a assuntos como Associativismo e Voluntariado, Educação, Cultura, Meios de Comunicação, Desporto, Talentos, Discriminação e Música.

Como projeto de investigação com estas características, o RadioActive foi acolhido pelo Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), da Universidade Nova de Lisboa. Além de diversas produções científicas, houve também um esforço em divulgar publicamente o projeto e as suas produções, para incentivar o movimento de se criarem mais media feitos por jovens e para jovens (como se pode ver na Secção 'Chegar à audiência').

É também com esse espírito que surge este Manual.

Elaboração do jingle do Multivivências E5G, em Espinho, em 2015, com formação de José Oliveira, participante no RadioActive desde 2013 através do Metas E5G



ESTE MANUAL

Este Manual surge no âmbito do RadioActive Portugal, possibilitado pelo Prémio Inclusão e Literacia Digital, e tem como objetivos:

- documentar, em língua portuguesa, o processo de implementação da RadioActive101 numa rede de 10 centros Escolhas entre 2013 e 2015;
- reunir recursos úteis para a implementação de rádios com fins educativos ou de capacitação de comunidades, em ambientes não-formais ou informais;
- apontar metodologias de trabalho para processos educativos em torno da rádio online;
- propor atividades para sustentar o trabalho em torno da rádio online educativa.

Assim, tem como principais destinatários:

- técnicos de inclusão digital,
- técnicos de ação social,
- professores,
- professores bibliotecários, e
- facilitadores.

A estrutura do Manual está organizada de acordo com o fluxo que seguimos na implementação do RadioActive, e que identifica diferentes momentos e tarefas para os dinamizadores de projetos semelhantes. Na primeira secção, ***Conhecer o grupo***, falaremos sobre os princípios norteadores do RadioActive, inspirados pela filosofia do pedagogo Paulo Freire, em que a aprendizagem não-formal que o projeto busca promover por meio do desenvolvimento de uma rádio na internet, se assenta no direito dos jovens à inclusão, à posse de uma voz e à expressão por meio desta, entre outras características de trabalho e princípios éticos e profissionais.

Na secção seguinte, ***Começar***, apresenta-se uma breve introdução sobre a história da rádio e seu consumo, atualmente, em Portugal e no mundo para, em seguida, indicar os primeiros passos para a implementação do projeto de rádio com jovens. Primeiro, é necessário que os jovens compreendam as especificidades deste meio e aqui são sugeridas atividades, como visita a canais de televisão e rádio e o planeamento de entrevistas. Aborda-se a importância de um modelo editorial e de uma identidade sonora para qualquer rádio, mostrando o exemplo da RadioActive101. Também há uma breve explicação sobre as características do jornalismo radiofónico e dos géneros jornalísticos, e da necessidade do planeamento da programação, atentando-se para questões de periodicidade e temáticas.

Em ***Financiar e legalizar***, pensando na fundamental questão do financiamento e da sustentabilidade financeira do projeto, são sugeridas diferentes abordagens, como o crowdsourcing. Referem-se também os procedimentos necessários para se implementar uma rádio online de perfil semi-profissional e com funcionamento legal em Portugal.

Na secção ***Equipar***, apresentamos os equipamentos que compõem o(s) estúdio(s), semi-profissional, da RadioActive101 e descrevemos brevemente como o montar. Também dedicamos especial atenção aos microfones, tão fundamentais na rádio, com a descrição dos seus diferentes modelos (que também fazem parte do estúdio do RadioActive) e a forma correta de utilizá-los.

Em seguida, ***Aos microfones*** fala de cuidados a ter com a voz e de técnicas vocais, já que esse é um instrumento para a comunicação radiofónica. Nessa secção introduzem-se alguns aspetos relacionados à sonoplastia, como os diferentes tipos de sons que compõem uma rádio, software que se pode utilizar para criar e editar sons, e os podcasts.

Finalmente, em ***Fazer-se ouvir***, refere-se o processo de emissão online, com recurso a software específico; e meios para se chegar e expandir a audiência e também envolve-la, convidando-a a dar feedback aos autores. Por fim, apresenta-se um recurso para avaliação de qualidade das emissões de rádio, desenvolvido pelo consórcio europeu, com vista ao acompanhamento do processo de aprendizagem.

Conhecer o grupo



Como referimos na Introdução, o RadioActive é devedor da filosofia do pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Em seguida, referem-se os princípios em que o projeto se baseia.

As atividades nos contextos de trabalho com os jovens, que eram o foco inicial e principal no Reino Unido até recentemente, foram sustentadas por normas humanísticas de trabalho com os jovens, por valores e por uma ética elaborados a partir do trabalho de Glassman & Kates (1990), Davies (1996) e da Agência Britânica de Juventude (2004). Ao fazê-lo assim, o RadioActive vê cada participante na rádio, ou radio-ativista, como tendo o direito de:

- ser incluído;
- ter uma voz;
- se expressar por meio de uma voz.

Além disso, o trabalho também é informado pelas seguintes características:

- oferecer serviços em locais onde as pessoas jovens podem optar por participar;
- incentivar os jovens a serem críticos nas suas respostas à sua própria experiência e ao mundo ao seu redor;
- trabalhar com os jovens para os ajudar a fazerem escolhas informadas sobre as suas responsabilidades pessoais dentro das suas comunidades;
- trabalhar ao lado de escolas e faculdades, bem como de estudantes universitários para encorajar os jovens a atingir e preencher o seu potencial; e
- trabalhar com outras agências para encorajar a sociedade a ser responsável pelas necessidades dos mais jovens.

Finalmente, o RadioActive é guiado pelos seguintes princípios éticos e profissionais:

- tratar os jovens com respeito;
- promover o poder de decisão dos jovens;
- promover a segurança e o bem-estar dos jovens;
- contribuir para uma agenda de justiça social;
- reconhecer as fronteiras entre a vida profissional e a vida pessoal;
- prestar contas aos jovens;
- desenvolver e manter competências relacionadas com o trabalho.

A RadioActive101 apresenta-se como uma ferramenta de educação não-formal que utiliza uma série de configurações comunitárias para capacitar os jovens e outros grupos excluídos a produzir uma rádio na internet. Para atingir este objetivo, o projeto utiliza uma abordagem de cascata.

O conceito central no cerne do design pedagógico do RadioActive define que a aprendizagem ocorre informalmente, tendo lugar através da produção de uma rádio na internet. O seu objetivo é utilizar a tecnologia para desenvolver a educação não-formal e informal, características pessoais, competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida[1] e esquemas de empregabilidade que representem e ampliem as "experiências vividas" dos indivíduos e das comunidades. Essa aprendizagem em cascata é desenvolvida, gerida e facilitada por meio da colaboração entre a coordenação, assumida em Portugal pelo Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ), e as organizações parceiras associadas, neste caso os centros Escolhas participantes na RadioActive101.

Fonte: RadioActive101 Practices (publicado com autorização)

1_ As competências-chave de Aprendizagem ao Longo da Vida são: comunicação em língua materna, comunicação em línguas estrangeiras, competência matemática e competências básicas em tecnologia, competência digital, aprender a aprender, competências sociais e cívicas, espírito de iniciativa e espírito empresarial, e sensibilidade e expressão culturais - in Comissão Europeia (2007). "Competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida - Quadro de referência europeu". Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
in http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=URISERV:c11090

Começar

A RÁDIO HOJE

Ao meio da rádio sucederam-se a televisão e, mais tarde, a internet. Apesar de esses meios se terem tornado centrais nas sociedades e culturas contemporâneas, a rádio não desapareceu. Pelo contrário, manteve-se firme ao longo de gerações, como plataforma de debate e comunicação, promoção cultural ou de informação em situações de emergência social.

A rádio adaptou-se aos tempos, quer com novas tecnologias e equipamentos, quer com novas linguagens. A mobilidade, criatividade e interatividade que as novas plataformas introduziram no ambiente digital expandem aquela que era a raiz da rádio: uma plataforma para divulgar factos e histórias, artistas e talentos.

Para muitos jovens, a rádio é sinónimo de música – e a música é cada vez mais escutada com recurso a ficheiros mp3, em dispositivos móveis e individuais. A escuta de estações de rádio está também associada a momentos em que se fazem outras atividades, como ouvir rádio no carro, ou enquanto se estuda ou trabalha



Imagem do Museu RTP



Imagem do Museu RTP

A RÁDIO EM PORTUGAL

Em Portugal, uma média diária de 4.900.000 pessoas (53% são homens, 47% são mulheres) escutam rádio. Fazem-no em média por mais de 3 horas, todos os dias.

Os ouvintes de rádio em Portugal distribuem-se, em termos de idade, da seguinte forma:

- 700.000 jovens até aos 24 anos;
- 2.100.000 entre os 24 e os 44 anos;
- 1.500.000 entre os 45 e os 64 anos;
- 600.000 com mais de 64 anos.

São já cerca de 1.300.000 os que dizem ouvir rádio na internet ou em novas plataformas. Os indivíduos que ouvem através da internet são cerca de 42% dos indivíduos com menos de 35 anos, 45% dos estudantes ou 41% dos quadros médios e superiores.

Os jovens dos 15 aos 24 anos destacam-se entre os que costumam ouvir rádio através do telemóvel: 38% dos jovens referem esta prática, sendo 43% entre o grupo dos estudantes.

Fonte: Marktest 2014, a partir de
http://www.rtp.pt/antena1/os-dias-da-radio/13-de-fevereiro-dia-mundial-da-radio_8645

A RÁDIO NO MUNDO

A rádio é o meio mais abrangente, atingindo mais de 95% da população mundial[3]. Pelos seus baixos custos e tecnologia relativamente simples, chega a comunidades remotas e a grupos mais marginalizados. Em países em desenvolvimento, pelo menos 75% dos lares nos países em desenvolvimento têm acesso a um rádio[4]. A rádio continua a chegar a mais zonas rurais e a populações com baixa escolaridade.

Além disso, as novas tecnologias vieram trazer novas possibilidades: a escuta de rádio cresceu com o uso de telemóvel em África ou na América Latina.

Em África, na Ásia ou na América Latina, as potencialidades da rádio para política, ensino ou discussão de temas que afetam a comunidade são enormes. A demonstrar isso estão os números de estações de rádio comunitárias: na América Latina, são cerca de 10.000 as rádios comunitárias, sobretudo no Peru, Equador, Bolívia e Brasil. Calcula-se que no Brasil existam cerca de 10.000 rádios comunitárias a aguardar licenciamento[5].

CONHECER MELHOR OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Inicialmente, é importante incentivar o grupo a perceber melhor quais são as características da rádio como meio, e as suas particularidades nos dias de hoje, face aos outros meios de comunicação. Esta reflexão pode ser feita através de diferentes atividades.

Proposta de atividade: Dia Mundial da Rádio

A UNESCO comemora o Dia Mundial da Rádio a 13 de fevereiro, desde 2012. Essa data foi escolhida por ser o aniversário da Radio ONU, criada por resolução das Nações Unidas em 1946. Mais informações em http://worldradioday.org .

O tema da edição de 2015 do Dia Mundial da Rádio foi "a Juventude e a Rádio" e, em 2016, "Rádio em tempos de emergência e desastre". Em 2015, o foco a nível mundial foi o de refletir sobre o que a rádio oferece e como promete tomar lugar na vida das novas gerações. Uma reflexão sobre:

- O seu futuro, desafios e oportunidades no âmbito das novas tecnologias, especialmente devido à sua adoção pelos jovens;
- Como melhorar a participação dos jovens no setor do rádio, incluindo que sejam os próprios jovens a fazer emissões para jovens;
- Em alguns países o foco é centrado na eliminação dos estereótipos e dos preconceitos na forma de retratar os jovens nos media, o aperfeiçoamento da segurança dos jornalistas jovens em zonas de desastres e de conflitos, o impacto da atuação dos jovens nas rádios comunitárias e a relação entre o acesso à informação por meio da rádio, pelos jovens, e o desenvolvimento sustentável das comunidades.

O Dia Mundial da Rádio, celebrado a 13 de fevereiro, pode ser ocasião para produzir um programa sobre este meio. Pode-se preparar uma atividade com:

- entrevistas a outras pessoas (pais, avós, pessoas da comunidade, mais velhos) sobre a importância da rádio;
- memórias;
- reportagens, etc..

Mais em: Dia Mundial da Rádio

3_ Fonte: UNESCO, 09-Fev-2012, em http://www.unesco.org/new/en/media-services/single-view/news/tune_in_to_world_radio_day_on_13_february, consultado em 13-Fev-2015.
4_ Idem.
5_ Fonte: UNESCO, 13-Fev-2013, em http://www.unesco.org/new/en/unesco/events/prizes-and-celebrations/celebrations/international-days/world-radio-day-2013/statistics-on-radio/, consultado em 13-Fev-2015.

Proposta de atividade: O que são os meios de comunicação para mim?

Como usamos os meios de comunicação no nosso dia-a-dia? O que significam para nós?

O que sabemos sobre eles, que possamos partilhar com outros? E o que não sabemos sobre algo que está tão presente nas nossas vidas?

Exemplos: O programa do Espaço J, "Meios de comunicação: o que gostas mais?", emitido a 14 de setembro de 2015, faz uma uma viagem pela história e evolução dos jornais, da rádio, da televisão e da internet. Os jovens partilham os meios de comunicação que mais usam e mais gostam. O programa pode ser ouvido aqui.



Outros programas similares foram produzidos no âmbito dos Sete Dias com os Media (2014) e podem ser ouvidos AQUI.

Proposta de atividade: Visita a um meio de comunicação local/regional ou nacional

Para preparar a visita a um jornal e/ou rádio (ou mesmo televisão), local, regional ou nacional, pode-se:

- fazer um guião de perguntas para jornalistas, sobre as diferenças no tipo de trabalho;
- decidir se farão uma notícia em formato de jornal e/ou para rádio;
- garantir que há um registo (áudio, vídeo, em texto) dos testemunhos recolhidos, adequado ao que foi decidido;
- também poderão ser recolhidos testemunhos de elementos do próprio grupo, sobre a sua experiência na visita.

Depois:

- escrever a notícia, relatando a(s) visita(s), incluindo uma seleção dos testemunhos recolhidos;
- planificar a gravação e edição, no caso de ser em formato de notícia radiofónica;
- gravar e editar.

Adaptado de: "Nós gostamos! E tu?", Atividade para operacionalização de Literacia dos média, in *Aprender com a biblioteca escolar – Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico*, Elsa Conde, Isabel Mendinhos, Paula Correia, Rosa Martins (Coords.), Rede de Bibliotecas Escolares, Lisboa, 2012, pp. 43-45. (ver link na Secção Recursos, no final do Manual)

Exemplos:



Visita do Escolhe Vilar aos estúdios da RTP em Vila Nova de Gaia



Visita do Novos Desafios ao Museu da RTP, em Lisboa

Mais sobre estas visitas pode ser visto no site do RadioActive, AQUI.

A *NOSSA* ESTAÇÃO

Criar uma rádio é um primeiro passo; criar uma rádio com uma identidade própria significa outro nível de comprometimento e de proximidade. A RadioActive101 tem uma identidade geral que provém do projeto RadioActive, como foi implementado por um consórcio internacional de cinco países entre 2013 e 2014, e que atravessa todos os centros Escolhas que vieram a participar no projeto e na rádio.

Todos os centros participantes na RadioActive101 se guiam pelo Modelo Editorial, que foi registado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social (mais sobre as obrigações legais de uma rádio online em Legalização).

O modelo editorial da RadioActive101

O "modelo" é um processo incremental, contínuo e colaborativo entre todos os radioativistas - a equipa editorial da RadioActive101 (RET, membros seniores da organização Âncora e membros associados), as equipes editoriais nos locais (OETs, editores e radioativistas locais) e outros radioativistas "no terreno". Isso inclui a duração, frequência e tempo de uma transmissão, e também o desenvolvimento do seu conteúdo e temática (Gomez-Monroy, 2004), decorrente da crença de que "o conteúdo crítico de qualquer experiência de aprendizagem é o método ou processo por meio do qual a aprendizagem ocorre" (Postman & Weingarter, 1971).

O seu design pragmático conduz à implementação "no campo" como uma consequência da sua facilidade de uso.

Este "Modelo" opera de acordo com o Modelo Editorial e de Governança (GEM), adaptado a partir do modelo britânico, que contém as políticas do RA101, Práticas e Procedimentos referentes a:

1. Códigos de prática de radiodifusão;
2. Direitos autorais e licenças;
3. Papéis e responsabilidades dos indivíduos parceiros;
4. Códigos de conduta;
5. Uso de equipamentos;
6. Formação;
7. Práticas editoriais;
8. Obrigações dos jovens e agentes de apoio;
9. Proteção e salvaguarda das crianças, jovens, alunos e adultos vulneráveis;
10. Procedimentos de reclamação;
11. Site e media sociais.

Em três anos de aprendizagem por meio de um fácil guia de "campo", o "Modelo" substitui o Modelo de Implementação Editorial (EIM) como "mecanismo organizacional e prático para desenvolver, monitorizar e gerir o conteúdo dos programas" do RA101 (GEM).

Fonte: RadioActive101 Practices (publicado com autorização)

Para chegar a esta identidade sonora e ao projeto editorial que cada centro/equipa pretende com a rádio, houve um trabalho prévio feito pela equipa coordenadora, tanto em Portugal como nos outros países europeus, de problematização das realidades diversas encontradas no terreno, nas diversas formas de estar e de atuar dos Centros Escolhas[6]. Este conhecimento do terreno facilitou os processos de intervenção.

Para criar várias identidades dentro desta identidade maior, foi solicitado aos centros participantes que criassem o seu *jingle*, que revelasse uma identidade da rádio que queriam fazer. Esses jingles foram criados com recurso ao programa de edição GarageBand, disponível em computadores Apple. (Para definição de jingle e mais sobre o programa GarageBand, ver secção 'Aos microfones').

Se escutarem os *jingles* dos 10 centros em http://pt.radioactive101.eu/category/podcast/, os ouvintes vão perceber as suas identidades sociais, as suas dificuldades e as suas forças. Por exemplo, o *jingle* do Multivivências foi feito com recurso à música cigana, tão importante na comunidade de Ponte de Anta, em Espinho. A rádio do Multivivências pode ser escutada aqui.

Este traço que marcou a elaboração dos *jingles* acabou por se encontrar também no tipo de programas que os centros têm vindo a fazer e também atesta a evolução que têm tido ao longo dos anos.

PLANEAR A PROGRAMAÇÃO

Há muita coisa para pensar e decidir, incluindo:

Com que frequência vão fazer emissões?

Cada emissão terá um tema?

Como irão dirigir-se à audiência e usar os social media?

Será um programa de música, de notícias, sobre atualidade ou uma magazine com um pouco de tudo? Notícias, críticas, música, entrevistas, histórias, drama... Pode ouvir exemplos de conteúdos e programas em http://pt.radioactive101.eu/podcast para se inspirar!

Tenha em mente que quanto mais variado for o conteúdo do programa, mais oportunidades para aprender e obter competências estarão à disposição dos participantes.

Independentemente do que decidirem, é particularmente útil para o técnico/professor – e para todos os envolvidos no programa – registar os planos, checklists e guiões. Assim podem ver de relance se tudo o que é necessário e o que está a ser feito.

Fonte: Facilitators' Guide, publicado com autorização

6_ Para mais informações sobre a etapa da problematização, ver Brites, Maria José; Santos, Sílvio Correia; Jorge, Ana; Navio, Catarina (2014). "Problematizar para intervir: rádio online e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens", Observatorio (OBS*) 8(1): 145-169. http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/714.

Proposta de atividade: Na redação de uma rádio

Esta atividade pretende simular a redação de uma estação de rádio, num programa diário de informação geral; especificamente, trata-se de uma reunião de última hora para decidir sobre um assunto que não é consensual.

Para iniciar, os jovens assumem, individualmente ou em grupo, os diferentes papéis ligados à produção de um programa de rádio: locutores, repórteres, editores de secção (desporto, atualidade, política, cultura...) e diretor.

Depois de atribuídos os papéis e de cada um saber exatamente a posição que vai tomar, dá-se início à reunião.

O diretor – esta posição pode ser assumida pelo educador – comunica a redação que esta reunião se deve ao facto de não haver concordância quanto à emissão de um depoimento de um dos envolvidos numa discussão no grupo, em que este conta detalhes íntimos da vida da outra pessoa com quem discutiu. O programa tem que ir ao ar, é urgente fechar a edição, há que tomar uma decisão e cada um vai apresentar seus argumentos. Há que decidir!

O educador orienta a atividade e promove a discussão final, levando a refletir sobre os argumentos apresentados pelas várias partes. Será importante convocar os princípios da responsabilidade social dos media. Para isto, os educadores podem auxiliar-se na consulta da Lei da Imprensa e do Código Deontológico dos Jornalistas.



Membro da equipa do CIMJ, Daniel Catalão, auxilia na preparação para a emissão ao vivo



Divisão de papéis entre jovens do Novos Desafios E5G

Fonte: Adaptado de Pereira, S.; Pereira, L.; Tomé, V. (Orgs.) (2011). 25 + um agenda de atividades de educação para os media, Gabinete para os Meios de Comunicação Social, Universidade do Minho, p. 9.

JORNALISMO RADIOFÓNICO

1 – O jornalismo radiofónico contra o "ruído"

Só conhecendo as características da rádio como meio de comunicação é que se poderá usar esse mesmo meio na sua plenitude. Dito por outras palavras, qualquer utilização da rádio, sem que saibamos como ela é, será sempre deficitária.

Um exemplo: se não tivermos em conta as condições maioritárias de escuta (nomeadamente o facto de se fazer quase sempre em acumulação com uma atividade primária), não poderemos perceber que não é possível voltar atrás (o que poderíamos chamar de pensamento retroativo) para perceber o que foi dito ou que uma frase noutra língua que não a portuguesa poderá levar à interrupção, mesmo que momentânea, da comunicação radiofónica.

Onde há comunicação há inevitavelmente "ruído" (entendido como a tal interrupção, por parte do recetor, do processo). Mas o nível de "ruído" é muito diferente no nível interpessoal ou na escrita, por exemplo.

Mesmo ao nível da comunicação social, se não percebo o que me diz o texto no jornal, posso parar e voltar a ler. Até posso arrancar a folha e ver depois no dicionário que palavra é aquela. Se estou na net, facilmente vou ao Google para tirar a dúvida ou, no limite, faço copy/paste da frase e meto-a num e-mail para que alguém ma explique (no limite, e vamos ver isso cada vez mais, o próprio autor do texto).

Na rádio isto só não é impossível porque surgiram nos últimos arquivos dinâmicos, a que chamamos podcasts, que nos permitem ouvir quantas vezes queremos.

Mas na emissão sincrónica (aquela que põe emissor e recetor em simultâneo) não há forma de parar para pensar. Quase se poderia dizer (porque é obviamente um exagero) que, quando o ouvinte pensa, para de ouvir.

A linguagem radiofónica está cheia de "ruído", que resulta tanto das tais características do meio (escuta em acumulação com alguma atividade primária, como é o ato de conduzir) como do seu desconhecimento. Ou seja, precisamos de trabalhar mais na rádio para atingir os mesmos objetivos – sendo que trabalhar mais significa o cuidado que é fundamental para limpar o nosso discurso do máximo de "ruído".

Esta "praga" está de tal maneira presente que se poderia dizer que nunca desaparece. E, de alguma forma, o melhor texto radiofónico é aquele que tem o mínimo possível de "ruído".

"O melhor texto radiofónico" não é, contudo, apenas o resultado da expulsão do "ruído". É fundamental juntar-lhe outras preocupações, como sejam a que nos diz que **devemos falar na rádio como falamos fora da rádio**.

A frase é polémica, na medida em que cada um de nós não só tem o seu registo discursivo como, em cada um de nós, convivem discursos em vários tons, consoante estamos a falar com o patrão ou com o colega de trabalho, com o professor ou com o colega, com o namorado ou com o marido...

É um beco sem saída? Experimentem aquilo que chamamos de "linguagem média" e que – com todas as imperfeições – caracterizamos como o tom que um filho usa quando fala com os pais (imagem aplicada com todas as imperfeições, insiste-se).

Mais simples do que exemplificar: **devemos ser coloquiais sem entrarmos pelo calão**; devemos **ser respeitadores sem ser formais** (e, para que fique claro, esta caracterização serve para as notícias, para o jornalismo radiofónico, e não para a animação radiofónica).

Uma linguagem isenta de "ruído" em tom desengravatado faz um bom texto radiofónico? Potencialmente sim. Não o fará a 100%, mas já estamos muito perto.

Há depois alguns truques que ajudam, potencialmente, a reforçar a retenção da atenção por parte do ouvinte. Um exemplo: **as repetições de palavras funcionam mal** (até pelo eco que criam), mas a **redundância de ideias ajuda** um ouvinte que entrou a meio do noticiário a conseguir identificar quem está a falar ou pelo menos qual é o assunto.

É por isso que num relato de futebol na rádio o relatador deve repetir, com alguma insistência, o resultado – mesmo sendo o relato de futebol um dos poucos conteúdos que ainda é ouvido primariamente (ainda se para para ouvir o relato, sobretudo se for do nosso clube...), há sempre gente a entrar e a sair, há sempre um telefone que toca ou alguém que nos chama à cozinha.

A redundância, sempre em doses q.b., é um forte aliado da escrita radiofónica.

Falta um quarto elemento à fórmula do bom texto radiofónico: a criatividade não apenas lexical mas também na abordagem, que nos remete para algo que não pode ser desperdiçado: a qualidade desse mesmo texto.

Com tantas condicionantes, o texto radiofónico pode pensar em termos qualitativos? Claro que sim. Pode e deve. Não precisa de ser pobre para ser eficaz. Não precisa de ser básico para conseguir atingir os seus fins – que são comunicar, a partir da etimologia da palavra.

Da mesma forma que não devemos pensar em fazer literatura no (do...) jornalismo radiofónico (e existem outros géneros jornalísticos em que isso é possível), porque será sinónimo de "ruído", também não faz qualquer sentido partir do pressuposto de que qualquer coisa serve ou que na rádio estamos sempre em serviços mínimos.

Para resumir: **ninguém é mais estúpido do que o jornalista que pensa que os seus ouvintes são estúpidos.**

Nunca ninguém se pôs a fazer as contas, simplesmente porque elas não são necessárias: toda a gente que trabalha na rádio sabe que **o improviso é uma exceção**. Dir-se-á que mais de **90% daquilo que se diz na rádio é escrito**. Pode o ouvinte não se aperceber – e é bom que não se aperceba (caso contrário, lá entra o "ruído") mas o que estamos a dizer e/ou a ouvir está escrito.

A "arte" de disfarçar a leitura, de fazer parecer que estamos a falar com o ouvinte, quando na verdade estamos a ler, é o resultado de um processo de maturação, em que conta tanto a experiência (para disfarçar o nervosismo, pelo menos inicial) como a aprendizagem e o domínio de um conjunto de técnicas: é como afinar a quantidade certa de ingredientes no cozinhado, sendo que aqui temos velocidade/ritmo, entoação (a leitura das pausas gráficas, que são basicamente duas, ponto e vírgula), dicção e, a mais importante de todas, a atitude.

Por muito cruel que possa parecer, uma boa atitude disfarça a velocidade errada ou a entoação fora do sítio. Da mesma forma, um bom texto, lido com o ritmo correto e a entoação rigorosa, não escapa à censura do ouvinte se o jornalista estiver, por exemplo, "a dormir".

A atitude tem muito de incorpóreo e, portanto, não é fácil de definir. Mas sugiro a metáfora do palhaço que tem de continuar a tentar fazer rir, mesmo quando o seu estado de espírito não é esse, ou, por exemplo, lhe dói um dente...

Há muito de ator na leitura do texto radiofónico, exceto no ponto em que não estamos a interpretar papéis diferentes todos os dias, mas basicamente sempre o mesmo, o do jornalista de rádio. É assim que conseguiremos ler sem que o ouvinte perceba. Não o estamos a enganar, simplesmente não temos de lhe estar a lembrar que há sempre um papel à nossa frente...

E quando não há? Ou seja, quando não é de todo possível ter um texto pronto? Esclareça-se, para começar, que seguimos na rádio a máxima de que o melhor improviso é o escrito. Mesmo num relato de futebol o relatador pode e deve ter elementos de contexto, desde nomes aos minutos dos golos e das substituições.

Numa entrevista em direto, o jornalista pode escrever as perguntas, mesmo as que resultam da resposta anterior, como durante uma reportagem em direto é possível, em muitos casos, concertar perguntas e respostas entre editor e repórter. São esforços para diminuir o "ruído". Se na escrita ele verdadeiramente nunca desaparece, imagine-se no improviso...

O improviso é uma orgia de "ruído" a que muitas vezes se associa o próprio ruído (ambiente, que em certos casos se torna ele próprio "ruído", por impossibilitar a compreensão do que está a ser dito).

Por alguma razão se escreve tudo o que se diz/lê – ou melhor, por várias razões. Dá muito menos trabalho, e daria mais gozo, falar sempre de improviso. Mas seria um desastre. As hesitações, os enganos, as repetições, as "brancas" na memória, inerentes ao discurso oral, tudo junto tornaria o jornalismo radiofónico impraticável.

Para já não falar de outras situações, provavelmente mais graves, como as omissões, as falhas deontológicas, a falta de rigor (por exemplo relativamente aos números – quem saberia de cor o PIB e a inflação do ano passado?), poriam em causa o próprio jornalismo.

E por isso se fala em "várias razões" e não apenas na preocupação de eliminar o "ruído".

Como resolver este puzzle onde faltam sempre peças? O direto, em jornalismo radiofónico, é algo que, tendencialmente, deverá ser executado pelos jornalistas mais experientes. Aqui não há técnicas nem manuais que nos salvem. É preciso cometer alguns (pequenos...) erros e aprender com eles...

Ainda assim, nem todos os géneros jornalísticos implicam o mesmo grau de comprometimento com o rigor e a eliminação do "ruído".

Se a notícia (ou, na gíria, uma "peça" ou uma reportagem), como elemento nuclear do jornalismo, concentra todas as atenções e é, por isso, o género que poderemos considerar mais apertado na flexibilidade e mais exigente na questão do "ruído", são menos as preocupações quando se elabora/prepara uma entrevista ou quando se escreve o guião de uma grande reportagem.

Há regras essenciais que nunca podem ser vistas de lado, mas o facto de haver mais tempo para mostrar o que estamos a fazer ou de se permitir mais subjetividade na escrita vão fazer com que aquilo que dizemos tenha outra latitude.

Convém deixar claro que a crónica, o comentário, o editorial ou a opinião, em sentido geral, não são géneros jornalísticos, no sentido em que não obedecem às regras da notícia e do jornalismo em geral. Não há equidade no tratamento das partes e mesmo o rigor do que é dito tem de ser visto com outra margem. A crónica é opinião. E opinião é subjetividade pura.

Já agora: em Portugal confunde-se análise com comentário. Análise pode ser um trabalho de contexto jornalístico, sem recurso a juízos de valor ou ao que se 'acha', antes de interpretação e contextualização dos factos e, neste sentido, análise é um género jornalístico.

2 – ... da tal composição química

Imagine-se esta situação, tão hipotética quanto plausível: estão 10 jornalistas numa redação e acaba de se saber que houve uma explosão na Torre dos Clérigos. O chefe de redação pede imediatamente três voluntários para arrancarem para o local. Um repórter mais introvertido (mas porventura mais talentoso) fica a pensar se deve disponibilizar-se; um mais extrovertido "atira primeiro e pensa depois". Irá, neste contexto, a chefia recusar o que se disponibilizou e "forçar" o que não quis avançar?

Eis como as características pessoais, que nada têm a ver com as técnicas ou com aquilo que se aprende durante a formação, influenciam a profissão.

Ser jornalista é o resultado de uma *composição química* em que aquilo que se aprende na escola (desde as questões técnicas às vertentes legais e deontológicas) e nos primeiros anos de profissão é apenas uma parte da equação. Antigamente falava-se muito em "vocação" para jornalista. Claro que a palavra nos remete logo para a dimensão espiritual e religiosa e perde, por isso, algum sentido.

Mas para se ser jornalista não basta tirar 20 na universidade. Quantas vezes um aluno de 10 não é melhor jornalista do que aquele? Estou com isto a dizer que (como antes se ouvia), é um desperdício estudar jornalismo, sobretudo uma formação superior? Nem pensar! A formação, sobretudo universitária, vai dotar o futuro jornalista de ferramentas (por exemplo culturais) que de outra forma seriam muito difíceis de obter.

Mas – para que fique claro – quem quer ser jornalista deve rodear-se de outras capacidades. E quando se vê, numa aula da faculdade ou durante um período de estágio, um jovem que é curioso, que é dinâmico, que é irreverente, que tem, em suma, o tal *killer instinct* ficamos logo convencidos de que ali está um grande jornalista em potência.

É como se o mais difícil já estivesse feito.

Vocação ou (melhor) talento, eis o que faz a diferença.

Porque são esses os outros elementos da tal composição química.

Autor: João Paulo Meneses, jornalista desde 1987 e docente universitário

GÉNEROS JORNALÍSTICOS

Há diferentes formas de comunicar sobre a realidade, que estão codificados pelo trabalho dos jornalistas. Os géneros jornalísticos traduzem diferentes formas de abordar e representar os acontecimentos. Incluímos aqui alguns dos que mais foram utilizados ao longo de três anos da RadioActive101.

Notícia

Trata-se de um texto informativo, relativamente curto, escrito de forma clara e concisa, sobre um acontecimento atual. É o mais comum dos géneros jornalísticos, aliando a veracidade com o envolvimento da atenção dos receptores, sejam leitores, ouvintes ou telespectadores.

Entrevista

A entrevista tem um formato de pergunta/resposta a uma pessoa considerada de relevo para os ouvintes, ou sobre um tema atual e interessante.

Enquanto género jornalístico, é aquela que é apresentada autonomamente ou como parte de uma peça jornalística (e não as entrevistas feitas pelo jornalista simplesmente para recolher informação).

Vox pop

Diminutivo de *vox populi*, em Latim 'voz do povo', trata-se de uma entrevista com guião igual aplicada a diversas pessoas 'comuns', transeuntes num determinado local. Aplica-se quando se trata de um tema ou acontecimento que afete muitas pessoas diferentes.

Reportagem

É um formato informativo, mas mais aprofundado do que a notícia. Utiliza um estilo narrativo, mais descritivo, que leve os ouvintes a sentir-se por dentro do acontecimento. Pode utilizar outros géneros, como a entrevista, e, em rádio, é importante a contextualização do ambiente através da recolha de diferentes sons da realidade a que se refere.

Crónica

As crónicas reportam-se a histórias (verídicas ou não) sobre a realidade e podem versar sobre as mais diversas temáticas (experiências de vida, reflexão sobre um tema). Aqui, os autores podem expandir-se em criatividade, sempre tentando envolver o ouvinte.

Exemplo:

O EntrEscolhas Geração d'Ouro E5G incluiu na sua programação a Crónica de Jéssica, sobre pensamentos e sentimentos de uma rapariga da comunidade. Pode-se ouvir AQUI.

Proposta de atividade: A mesma situação, pontos de vista diferentes

O educador conta uma história ou propõe que seja uma criança ou jovem a contá-la.

A partir disso, deve interpretá-la com o grupo e propor algumas questões. Por exemplo, se a história contada for a da Capuchinho Vermelho, perguntar como as crianças acham que a Capuchinho se sentiu ao ver o lobo. E a avozinha? E assim por diante.

Após esta fase de discussão, incentivar o grupo a recontar a história a partir dos diferentes pontos de vista: da mãe da Capuchinho, do lobo, do caçador...

A partir disso, discutir com o grupo sobre as diferentes versões, estimulando a reflexão acerca das mesmas. As seguintes questões podem ser propostas às crianças: quem está correto? Há uma única resposta certa? Por que é que algumas crianças se lembraram de umas coisas e outras crianças de outras? Como se pode ter certeza do que realmente ocorreu?

A atividade pode também contemplar, em jovens mais velhos, abordagens à mesma realidade a partir de géneros jornalísticos diferentes.

O objetivo da atividade é fazer o paralelismo entre as suas conclusões e o que se passa nos meios de comunicação, sobretudo no que diz respeito às notícias da atualidade. Mostrar que as notícias nos dão sempre apenas uma perspetiva sobre a realidade, daí a importância de nos confrontarmos com várias fontes de informação.

Fonte: Adaptado de Pereira, S.; Pereira, L.; Tomé, V. (Orgs.) (2011). 25 + um agenda de atividades de educação para os media, Gabinete para os Meios de Comunicação Social, Universidade do Minho, p. 8.

OUTRA PROGRAMAÇÃO

É comum que os projetos de rádio com crianças e jovens incluam muitos conteúdos de entretenimento e música, e tal deve acontecer de acordo com os direitos de autor. Para tal, deve-se garantir que se possui um original obtido de forma legal, ou a autorização do autor para a transmissão.

Exemplos:

Exemplos deste tipo de programação foram:

- a rubrica de humor "Piadas sem Pingo" (piadas sem piada) do Novos Desafios;

- a radionovela sobre relações interpessoais do OrientaTe;

- e todas as músicas originais produzidas por jovens da comunidade incluídas nos programas um pouco por todos os centros.

Financiar e legalizar



Para ter um estúdio de rádio quase profissional, e operar uma rádio (online) legal, há certos processos e procedimentos que é necessário seguir.

Financiamento e sustentabilidade

No caso do RadioActive, foi definida uma infraestrutura básica (*vide* 'Estúdio de rádio'), composta por equipamento e suporte técnico cedidos pelo CIMJ, no caso português. Entre 2013 e 2015, através de financiamento público, europeu (Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida da Comissão Europeia) e nacional (Rede TIC e Sociedade), foram equipados nove centros com estúdio de rádio (que se pode ver em Estúdio de rádio).

Trabalhando a partir da plataforma digital e marca já existentes, outro elemento-chave de sustentabilidade é ativado para auxiliar os grupos de rádio amadoras a conseguir fundos para continuidade das operações depois do fim do projeto. Planos para um financiamento futuro são baseados na crença de que o financiamento público por meio de fundos é insustentável a longo prazo, em razão do a) alto nível de competitividade inerente ao desejo de concorrer a um financiamento público e b) o risco de continuamente se alterarem as prioridades.

Confiar somente no financiamento público para manutenção de projetos é apenas uma das abordagens para sustentabilidade.

O RadioActive também quer encorajar as organizações participantes a adquirir competências necessárias para continuidade do RadioActive, incluindo capacidades para a obtenção de financiamento e gestão de fundos.

Se alguma organização comunitária deseja desenvolver uma rádio no "estilo RadioActive", deve ter condições para cobrir a sua infraestrutura e exigências legais, organizacionais e de licença por sua "conta própria"; também aconselhamos a integrar a rede RadioActive, em vez de tentar replicá-la, a menos que tenham consideráveis recursos e *know-how* em casa. Foi o caso do EntrEscolhas E5G, de Gondomar, que se associou ao RadioActive.

Uma abordagem envolve treinar participantes *radioactivistas* em várias técnicas de obtenção de fundos, que os auxiliem a financiar seus programas por conta própria. Particularmente, é importante considerar:

- ***Crowdsourcing/ Crowdfunding:*** utilizam plataformas da internet como o Kickstarter www.kickstarter.com e o Indiegogo www.indiegogo.com para obter dinheiro do público (normalmente, por meio de pedidos monetários, contra recompensas) para produção de programas específicos e/ou o desenvolvimento de temas específicos.
  Esta estratégia também apresenta a oportunidade de desenvolvimento de uma comunidade global dedicada e envolvida em volta do projeto.
- **Captadores de recursos:** utilizam eventos radiofónicos de captação de recursos para conseguir dinheiro junto à comunidade que se tem formado em volta de cada centro participante. Neste modelo, as estações de rádio organizam maratonas na internet com a participação da comunidade como um modelo de captação de recursos.
- **Patrocínios:** criar valor para potenciais doadores (para além do simples anúncio na estação, ou referência ao patrocinador), assim como conseguir dinheiro por meio dos programas.

Fonte: Adaptado de RadioActive101 Practices, publicado com autorização

LEGALIZAÇÃO

Criar uma rádio online legal requer o cumprimento de alguns passos para que o processo seja feito dentro da norma do país. Em Portugal, existe legislação específica que deve ser consultada:

Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) (http://www.erc.pt):
registo da rádio enquanto meio de comunicação social;

Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) (https://www.spautores.pt):
assegurar os direitos de autor;

PassMúsica (http://www.passmusica.org):
assegurar os direitos conexos.

Estes passos também comportam custos, segundo tabelas renováveis, pelo que o passo de criar uma rádio online legal deve orçamentar estes custos.

Equipar

O ESTÚDIO DE RÁDIO

O estúdio de rádio da RadioActive101 é um estúdio semi-profissional, composto por:

- 1 MacBook;
- 1 mesa de mistura (6 entradas) e respetivo cabo de alimentação;
- 1 headphones/auscultadores;
- 1 adaptador digital/analógico + Cabo fichas XLR / RCA; cabo USB;
- cabos Jack / Jack 3,5;
- 1 microfone condensador + cabo XLR (macho/fêmea);
- 2 microfones emissores + Recetor;
- 1 gravador digital portátil.



MONTAR O ESTÚDIO DE RÁDIO

Para introduzir som na mesa (INPUT), é preciso ligar os microfones à mesa de mistura:

- o microfone condensador, ligando o cabo com fichas XLR ao microfone e a uma das vias da mesa; para que este funcione, é preciso garantir que está ligado o botão Phantom na (traseira da) mesa de mistura (além do Power);



- os microfones emissores, ligando as fichas Jack macho nas respetivas fichas fêmeas no recetor dos microfones e em duas vias da mesa. Ligar o cabo de alimentação na parte posterior e o transformador na ficha elétrica; colocar as antenas do recetor na vertical, ligar o recetor (fica verde quando está ligado) e ligar os dois botões para controlar o volume dos respetivos microfones. Os microfones funcionam com 2 pilhas AA.



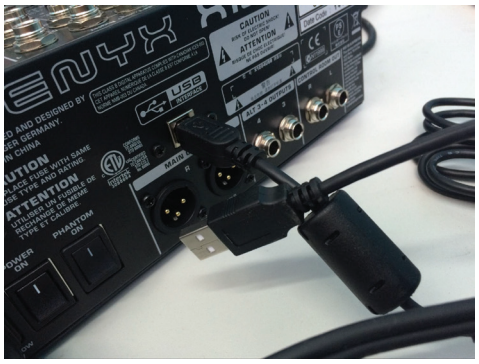


- Outra fonte de som: para podermos tocar música ou peças pré-gravadas, podemos usar um computador ou um telefone, por exemplo. Ligam-se com Jacks /Jack 3,5 às vias da mesa (LINE IN 5/6 (Branco = Esquerdo; Vermelho = Direito)



Para retirar o som da mesa (OUTPUT), pode-se usar, na parte traseira da mesa de mistura:

• saída USB, que permite uma ligação digital direta ao computador; este cabo tem ligação direta ao computador

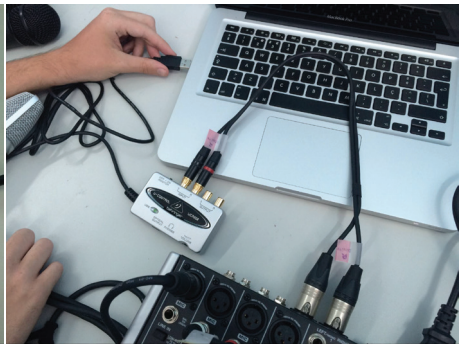




• Main Output, uma saída analógica que é convertida em digital no adaptador; ligar as fichas XLR na mesa, segundo Right/Left (esquerdo/direito) e ligar depois as fichas RCA no INPUT do adaptador (respeitando Right/Left); ligar depois a ficha USB à porta USB do computador.

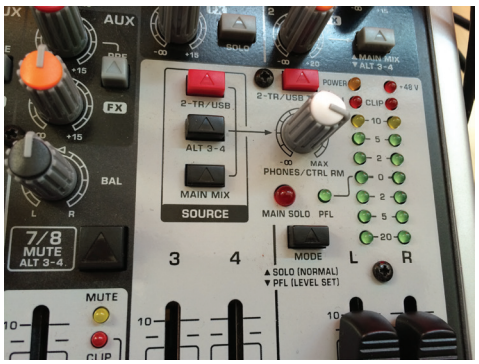






Testem os dois e usem aquele que acharem que vos permite obter melhores resultados.

Na mesa de mistura, o botão MAIN MIX tem que estar premido para baixo.



Uma “dica” útil é fazer etiquetas com fita-cola para identificar os cabos.

Daniel Catalão, jornalista da RTP e professor na Universidade Lusófona do Porto

O estúdio deve ser colocado num espaço com energia elétrica, através de tomadas ou extensões, e, se possível, com boa acústica, para a gravação de peças recorrendo ao microfone condensador que está ligado diretamente à mesa de mistura e daí ao computador.

Se não conseguirem um espaço silencioso, ou com boa acústica, pode ser preferível gravar ao ar livre, se num local com mais silêncio.

No entanto, todo o estúdio é portátil, permitindo que as gravações e emissões sejam feitos em locais diferentes.

Deve também garantir-se que existem pilhas para alimentar os microfones emissores e o gravador portátil.

MICROFONES

Existe um aparelho de uso quotidiano e indispensável em rádio: o microfone.

Os microfones dinâmicos são os mais comuns por serem mais baratos, e porque não necessitam de um fornecimento contínuo de energia elétrica (uma pilha, por exemplo) para funcionar. Normalmente, têm uma sensibilidade inferior (são mais "duros") do que os de condensador.



Microfone dinâmico
(Fonte da imagem: http://www.equipsom.pt)

Existe um outro tipo comum de microfones, que são os de condensador. Estes microfones caracterizam-se por necessitarem de alimentação elétrica (produzida por uma fonte externa ou interna) e são normalmente mais sensíveis que os microfones dinâmicos, além de produzirem uma melhor resposta em frequência. Todos os microfones de condensador possuem um pré-amplificador, para que o sinal possa ser transmitido através de um cabo áudio sem perdas significativas. Alguns microfones de condensador são alimentados diretamente por uma pilha de 9 volts, mas quase todos os microfones deste tipo são alimentados por uma fonte externa de 48 volts em corrente contínua – o "Phantom power" (no caso do estúdio RadioActive, liga-se à mesa de mistura, como se referiu na caixa anterior).



Microfone condensador
(fonte da imagem: http://www.rkiinstruments.co)

Os microfones de estúdio e os de reportagem não são iguais. Num estúdio de emissão os microfones têm uma base para o locutor falar sem necessitar de usar as mãos para segurar o microfone; já o de reportagem tem um desenho que permite ao repórter segurá-lo com firmeza. Por falta de meios financeiros, os microfones de reportagem são, muitas vezes, utilizados como microfones de estúdio.

Uma regra de ouro: o repórter, antes de sair do estúdio, deve certificar-se sempre que o seu equipamento está em boas condições de funcionamento. Para isso, deve:

- verificar a carga das pilhas,
- ligar os cabos ao microfone e ao gravador,
- e efetuar alguns testes de gravação.

Na rua nem sempre as condições de trabalho são as ideais, pelo que um repórter deve ser imaginativo para conseguir efetuar o seu trabalho, mas é bom lembrar que os microfones, tal como outros aparelhos, não foram feitos para caírem ao chão ou apanharem com água, pois qualquer destas ocorrências pode condicionar o desempenho do equipamento.

Para uma boa captação sonora, o microfone deve ser colocado entre os 20 e os 30 centímetros da fonte sonora. O microfone deve estar numa posição frontal ao entrevistado. O repórter deve ter em consideração o vento, mantendo-o pelas costas, para evitar que o ruído provocado pela deslocação de ar impeça que se perceba o que o entrevistado diz. A posição do microfone deve ser mantida estável, pois assim evita-se flutuações na amplitude da gravação. No entanto, isto nem sempre é possível.

Muitas vezes a rádio sai do estúdio e é feita em direto de outros locais, sendo, portanto, necessário deslocar mais do que um microfone. Dependendo do local e do restante equipamento áudio, a escolha dos microfones a utilizar recai, quase sempre, sobre os microfones dinâmicos, pois a acústica do local geralmente recomenda a utilização de microfones "duros", para evitar a captação de ecos e reverberações que diminuiriam a qualidade sonora da emissão.

Segurar corretamente o microfone

Apesar de se falar em microfones ligados por cabo a gravadores, os mesmos princípios aplicam-se aos gravadores com microfones incorporados.

Os microfones são feitos para transformar o som (energia mecânica) em áudio (energia elétrica), mas, muitas vezes, não é só o som que é captado. Ruídos estranhos – conhecidos como *rattles* – são acrescentados ao registo sonoro porque o cabo do microfone toca no microfone. Uma forma de evitar isto é segurar no cabo e no microfone. Desta forma evita-se dois problemas: os *rattles* e se o cabo sofrer algum esticão a ficha não se solta, pois o cabo está seguro entre os dedos. A bola de espuma atenua a ação do vento no microfone evitando, assim, uma gravação com ruídos estranhos que se podem tornar desagradáveis ao ouvinte. Estas esponjas existem também para os gravadores com microfones incorporados. Nestes aparelhos existe o cuidado a ter de não roçar com os dedos no corpo do gravador, porque pode produzir *rattles*. A solução é segurá-lo firmemente.

Microfones e os seus acessórios

Juntamente com um microfone, o repórter deve levar:

- **bola de proteção:** esta cobertura impede que o vento e outros ruídos sejam captados com a mesma intensidade que a fonte sonora que interessa;
- **um cabo:** a ligação de um microfone a um gravador é feita através de um cabo áudio. Devido à variedade de ligações existentes, é sempre necessário verificar a compatibilidade das fichas de ligação;
- **pilhas:** alguns microfones necessitam de pilhas para funcionar. Antes de sair convém verificar o estado da pilha e levar uma (ou mais) de reserva;
- **auscultadores:** os nossos ouvidos ignoram sons a que não prestamos atenção, mas um microfone não. Para termos uma ideia do som ambiente que vai ficar gravado, deve-se escutar através de auscultadores o que vamos gravar. Se for demasiado ruidoso – e tal não for relevante para a reportagem - devemos (se tal for possível) mudar de local.



O Zoom H1

O gravador Zoom H1 (o que usamos no RadioActive) tem incorporados dois microfones, numa configuração de captação estéreo. Este padrão permite captar perfeitamente a voz de um entrevistado, colocando-a no centro, como se fosse uma captação mono, mas também concertos acústicos dando-lhe uma ilusão de espaço tridimensional, como nas gravações comerciais escutadas em aparelhagens de alta-fidelidade.



Zoom H1
(Fonte da imagem: http://www.bhphotovideo.com/)

Para captação de voz serve perfeitamente o modo de gravação em mp3, dado que para radiodifusão ou em streaming pela internet, o áudio digital comprimido não terá alterações significativas. Existe também a opção PCM (áudio digital não comprimido), mas que diminui o tempo de gravação do H1, por ocupar mais espaço no cartão de memória.

O "Auto level" pode ser usado, mas apenas para voz e nem em todos os contextos, pois esta funcionalidade faz efeito de compressão, ou seja, eleva a um nível audível os sons impercetíveis e limita os sons mais fortes.

É preferível que se limite manualmente a gravação através dos botões laterais "Input level", de forma a que os sons mais intensos estejam pelo menos baixo dos –12dB no mostrador, dando assim margem de manobra em caso de aproximação da fonte sonora, sem entrar em distorção.

Autoria: Jorge Guimarães Silva, Licenciado em Música, variante Produção e Tecnologias da Música

Aos microfones



CUIDADOS COM A VOZ

A voz é o som resultante da vibração das cordas vocais, provocada pela passagem do ar, através da laringe, no momento em que as duas cordas se aproximam. Este som será posteriormente modelado pelas cavidades de ressonância (faringe, cavidade bucal e fossas nasais).

A voz é a forma mais comum de comunicação, sendo da maior importância nas relações entre pessoas e na vida profissional.

É importante usar a voz de uma forma correta e cuidar da saúde da voz! Alguns cuidados que todos devemos ter:

- beber 5/6 copos de água por dia;
- não gritar;
- não falar muito alto quando se está em locais ruidosos;
- não exagerar nas imitações de vozes (provocam esforço das cordas vocais);
- evitar falar muito tempo;
- não abusar de bebidas com gás;
- não fumar nem estar em ambientes de fumo durante muito tempo;
- evitar mudanças bruscas de temperatura;
- evitar falar quando se está constipado;
- dormir, descansar e praticar exercício físico (têm efeitos benéficos para a voz).

Alguns sinais de problemas ligados à voz podem ser:

- rouquidão (disfonia);
- ficar sem voz (afonia);
- fadiga vocal;
- alterações na tonalidade;
- dor ou "mal-estar" com características e intensidades variáveis.

O Dia Mundial da Voz começou a comemorar-se em 2003 a 16 de Abril com o objetivo de chamar a atenção da população em geral para as questões de saúde relacionadas com a voz.

Conteúdo adaptado de post do RadioActive, elaborado com base no site
http://www.diamundialdavoz.com/

TÉCNICAS VOCAIS

Uma agradável comunicação em voz deve aliar bom conteúdo e boa forma – algo que funcione como ruído pode prejudicar o objetivo da comunicação. Um exemplo de ruído na rádio é a sequência de palavras “e” e “responsável”, que pode soar como "irresponsável".

Uma dica para aperfeiçoar a comunicação e melhorar o próprio desempenho é gravar a sua fala e posteriormente ouvir-se.

Alguns exercícios para melhorar a comunicação através da voz são:

- aquecimento da voz: Estar relaxado antes de começar a falar também é importante para a qualidade da comunicação. Por isso, antes de iniciar, é bom soltar o corpo (principalmente os ombros), alongar-se um pouco, fazer exercícios de inspiração e expiração, e movimentos variados, também com som, com a língua.

Uma dica para melhorar a qualidade da voz é começar a falar sentado, primeiro com a parte superior do corpo agachada (a cabeça abaixo ou na altura dos joelhos) e depois já em posição ereta. Na segunda parte, será notória uma sensível melhoria da qualidade da voz.

- dicção: Da mesma forma, também se pode ou deve fazer aquecimento dos músculos faciais, para uma melhor articulação das palavras.

No caso de palavras difíceis que precisem de ser lidas na rádio, uma dica é separar as sílabas por tracinhos, no guião.

- ensaiar e preparar: Deve-se preparar um texto e ensaiá-lo em voz alta, ouvindo-o depois para analisar se resultou no que foi planeado e comunica da melhor forma a mensagem. Para emissões em direto ou reportagens, pode-se tentar antecipar e preparar um guião, alguns pontos num papel;

- entoar: pode-se treinar entoar um texto publicitário, que usa mais este recurso para envolver e deixar na memória do ouvinte a mensagem. Num texto de rádio, pode-se marcar com sublinhado aquilo em que se quer colocar mais ênfase, sempre com o objetivo de chamar mais a atenção do ouvinte e criar uma cadência interessante e agradável.

Autor: Ana Isabel Ferreira, Terapeuta da fala e Especialista em voz e comunicação

Jovem do Novos Desafios entrevista a coordenadora do projeto



CRIANDO SONS PARA A “NOSSA” RÁDIO

O sonoplasta (Sound Designer) é o profissional que faz "desenhos" com o som e com ele gera comunicação. A sua função é criar ritmo, gerar emoções, identificar personagens, conceber marcas. Tudo através do som, que tem o poder de transmitir, comunicar, ampliar, multiplicar e amplificar a mensagem ou ação. A sonoplastia é frequentemente acompanhada dos efeitos cuja aplicação deve ter sempre em conta a ajuda na concepção do trabalho, na busca da perfeição do mesmo, e devem ser utilizados como uma ferramenta e nunca como um "produto final".

Jingle

É uma mensagem publicitária musical. Uma marca ou um slogan que identifica algo. É um refrão de curta duração para ser lembrado com facilidade. O *jingle* é normalmente utilizado como marca da rádio na sua própria divulgação/promoção sonora.

Indicativo

Tem características de *jingle* mas é dedicado a um conteúdo/programa. É normalmente utilizado na entrada e saída de determinado programa e a sua sonoridade é regularmente utilizada na sua promoção/auto-promoção.

Separador

É uma versão curta do *jingle* ou Indicativo. Utilizado na separação entre conteúdos de um programa.

Trilha

É normalmente uma extensão do Indicativo, numa versão mais alargada e menos instrumentalizada, de forma a servir de suporte de conteúdos a difundir sem criar ruído.

Spot

Anúncio publicitário. Vende uma marca ou uma mensagem de um anunciante.

Auto-Promoção

Tem as características de um spot mas "vende" apenas o conteúdo da própria rádio. O termo aplica-se normalmente na promoção de programas de autor, ações externas e demais conteúdos da estação, bem como na sua própria promoção.

Autoria: Gualter Santos, sonoplasta do grupo RTP

SONOPLASTIA

Software de edição

O Garageband funciona como um estúdio de criação de música, com uma completa biblioteca de som que inclui: instrumentos em software, pré-sets para vários instrumentos e voz, e uma sessão virtual de baterias. Possui uma interface intuitiva, o que torna fácil aprender, tocar, gravar, criar e partilhar o som criado. O software é disponibilizado nos computadores da Apple.

Fonte: **site da Apple**

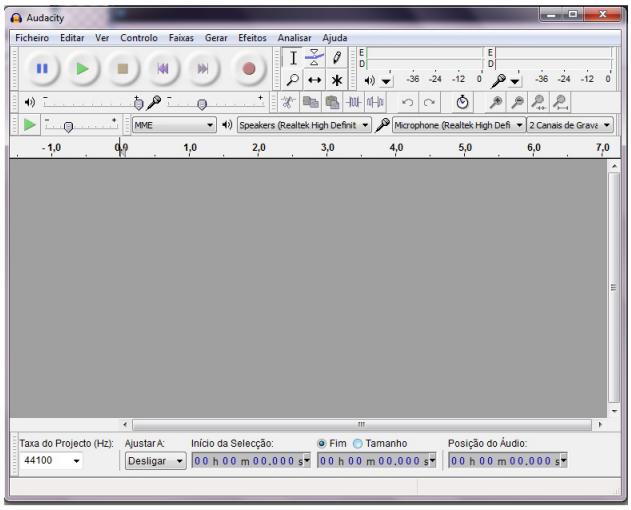


Por sua vez, o **Audacity** é um software livre, fácil de usar e que funciona como um editor e gravador de áudio multi-track, operando em sistemas Windows, Mac OS X, GNU/Linux e outros. A sua interface está traduzida em diversos idiomas.

O Audacity pode ser usado para:
- gravar som ao vivo;
- gravar reproduções no computador;
- cortar, copiar, corrigir ou misturar sons;
- converter fitas e gravações analógicas em gravações digitais ou CDs;
- editar arquivos de som em WAV, AIFF, FLAC, MP2, MP3 ou Ogg Vorbis;
- vários efeitos, incluindo mudar a velocidade ou tom e reduzir o vocal ou a isolação (proporcionando estéreos mais agradáveis);

Fonte: **site do Audacity**

No Audacity, existe uma barra de Menus e barras de Ferramentas, que se podem manipular conforme o que é mais adequado a cada utilizador.



Em seguida, apresentamos algumas dessas ferramentas, indispensáveis para o funcionamento do Audacity na gravação e edição de áudio.

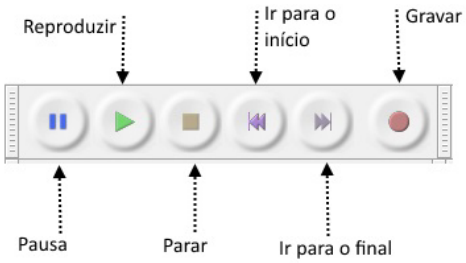


Figura 1 - Barra de controlo de áudio

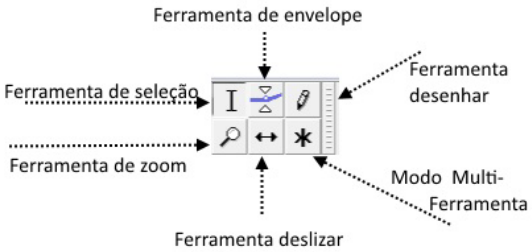


Figura 2 - Barra de ferramentas

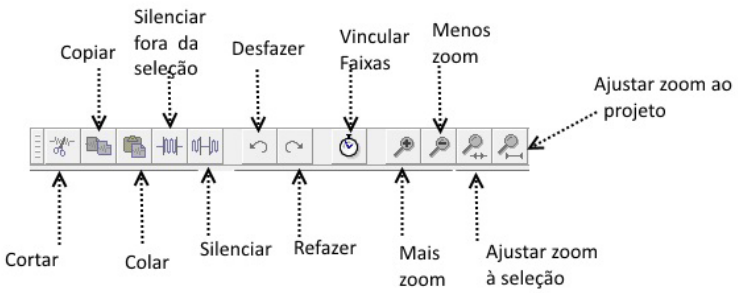


Figura 3 - Barra de edição

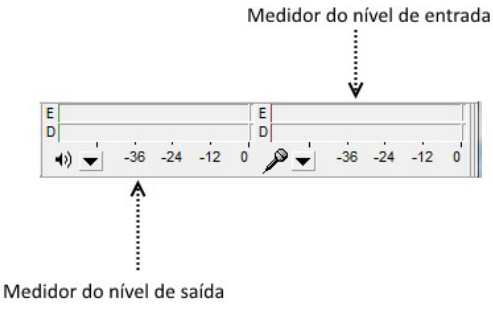


Figura 4 - Barra de medição do volume

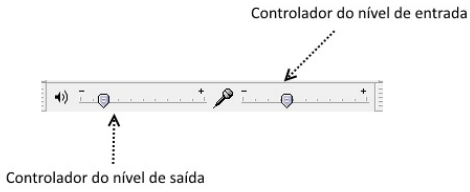


Figura 5 - Barra de controlo de nível de som

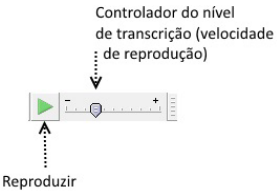


Figura 6 - Barra do nível de transcrição

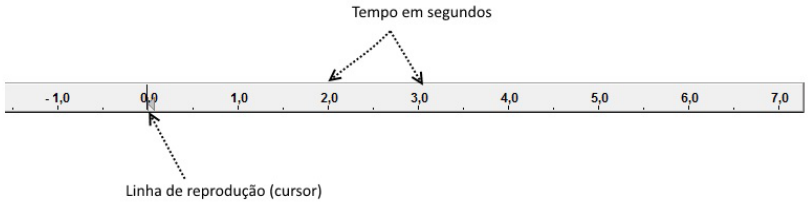


Figura 7 - Barra do tempo



Figura 8 - Barra de seleção

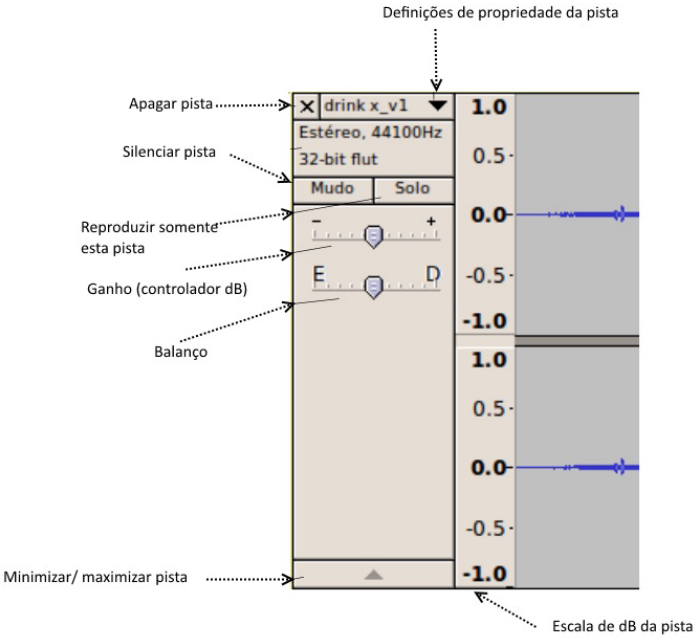


Figura 9 - Barra controladora do áudio

Adaptado de: "Introdução ao Audacity: Criação de Podcasts". Mário Araújo. 2010 (ver em Links e recursos)

CRIAÇÃO DE PODCASTS

Os podcasts são ficheiros áudio comprimidos (em mp3 ou outros formatos) de programas de diferente natureza (entrevistas, programas musicais, rubricas, grandes reportagens, documentários, etc), divulgados através da internet, em sites ou aplicações. Estes ficheiros destinam-se a poder ser escutados pelos ouvintes nos seus computadores, leitores de mp3 ou, cada vez mais, em *smartphones*, nos momentos e locais que lhes sejam mais convenientes.

Na RadioActive101, depois da emissão em direto na rádio online em pt.radioactive101.eu, os *podcasts* são colocados no site para serem ouvidos em *streaming*, uma vez que, por razões legais, não é permitido que sejam descarregados.

Proposta de atividade: *Fazer um podcast*

Para grupos que possam não ter meios para produzir emissões de rádio regulares, é possível produzirem ocasionalmente *podcasts*. Existem diversos serviços online gratuitos onde é possível alojar os ficheiros para *podcast*, que depois podem ser divulgados em blogues ou redes sociais. Por exemplo, o Podomatic (https://www.podomatic.com) ou o Auphonic (https://auphonic.com).

Para esta tarefa, o passo inicial envolve descobrir e discutir com as crianças e jovens qual o tema que querem abordar e estruturar o podcast a partir daí, incluindo saber com que conteúdos vão abordar o tema, com que pessoas precisam de falar, que sons e sonoridades vão recolher, quem são os responsáveis por cada tarefa, etc.

Depois de escolhido o tema ou subtemas e atribuídos a equipas (por exemplo, numa aula de História na temática dos Descobrimentos Portugueses, o professor pode atribuir a cada aluno/jovem um subtema concreto, como, por exemplo, a tomada de Ceuta; motivações para a expansão marítima...), organiza-se o processo de pesquisa, análise e tratamento de informação, acompanhado pelo dinamizador. O trabalho é escrito colaborativamente e a leitura é treinada em voz alta.

Em seguida, o dinamizador convida os alunos a gravarem esse episódio (com recurso ao Audacity - offline; ou ao https://www.podomatic.com - online). Depois de fazerem a gravação, as crianças podem fazer o upload do ficheiro áudio criado como podcast, inseri-lo numa página ou blogue, ou partilhá-lo através das redes sociais.

A fim de envolver outros jovens no trabalho realizado por cada grupo, o dinamizador, ou mesmo os autores do episódio, podem formular uma questão ou propor um desafio específico: criar uma biografia, um poema, a letra de uma canção, narrativas, a partir dos podcasts ouvidos.

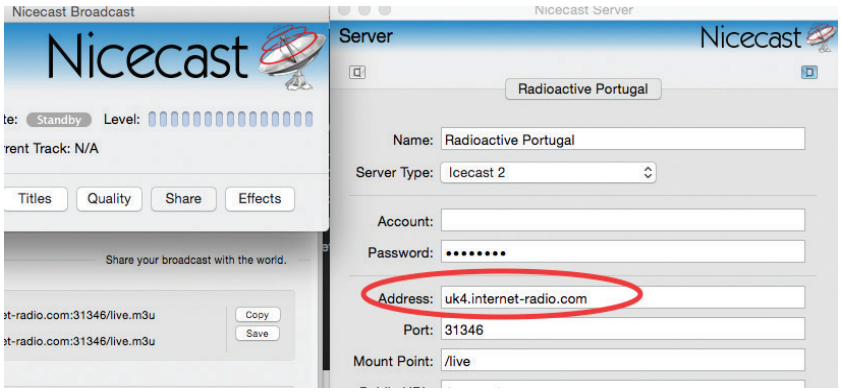
Adaptado de: Sónia Cruz, in Pereira, S., Aguiar, A., Pereira, S. (2013), Agenda de Atividades de Literacia Digital, p. 30 (publicado com autorização da autora e organizadores), em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29799/1/Ebook_atividades_literacia_digital.pdf (Mais sobre esta Agenda em Links e recursos)

Fazer-se ouvir

EMISSÃO ONLINE

Para emitir rádio online, é preciso utilizar software adequado.

O Nicecast é um software com licença, que tem versão para Apple e para PC, para emitir rádio online.

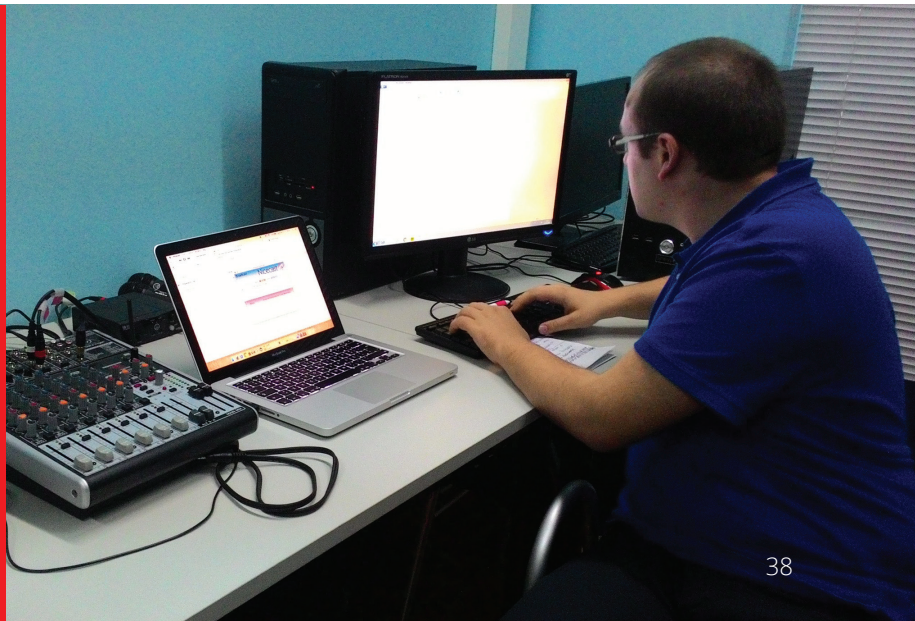


Assegure que tem uma boa ligação de rede (por vezes, pode ser mais fiável usar cabo de rede em vez de wi-fi).

O Nicecast toca a partir de *player* (iTunes, no caso de Macbook) ou de software de edição (como o Audacity).

Posteriormente, como já referido, as emissões são convertidas em ficheiros para serem disponibilizados como podcasts no site da RadioActive101, ficando alojadas num servidor próprio.

Dinamizador comunitário do Escolhe Vilar prepara uma emissão da RadioActive101 em direto



CHEGAR À AUDIÊNCIA

É fundamental garantir a audiência para a programação da rádio.

Algumas práticas que funcionaram foram as partilhas através do Facebook, mas também noutras plataformas online, através de eflyers; mas também através de flyers ou postais, em papel, para que os jovens divulguem junto das suas famílias e pares o dia e hora da emissão do programa de rádio. Para isso, é preciso ter um título e sinopse (ou resumo) do programa produzido.

Em relação às redes sociais, vale a pena aproveitar páginas que já existam para a comunidade, como a dos centros Escolhas ou da escola. A mensagem pode ser repetida em variantes diferentes, para tentar chegar a utilizadores que estão em momentos diferentes numa rede social.

Para chegar a outros públicos, como professores e responsáveis institucionais, pode ser criada uma mailing list de contactos (endereços de email), a quem se envia um emailing sobre o tema e agenda da emissão. Outros podem preferir ser avisados por SMS.

A nível da entidade Âncora, o CIMJ, foi feito também um esforço para divulgar o projeto RadioActive como um todo, junto de jornalistas e órgãos de comunicação social.



(RTP, 13 Fevereiro 2015)



(TSF, 13 Fevereiro 2015)


12 | PORTUGAL | PÚBLICO, SEG 3 FEV 2014

"Se tens educação, põe a mão no ar/com esta canção só te queremos educar": a emissão respira hip-hop

Jovens fazem rádio para pensar a cidadania

(Público, 3 Fevereiro 2014)

FEEDBACK

No RadioActive, tornou-se hábito promover a emissão como um momento para a comunidade ouvir os programas produzidos pelos jovens, com convívio, reconhecimento e feedback sobre ganhos e aprendizagens feitas.

É importante recolher o feedback da audiência ouvinte através da internet, estimulando isso mesmo na programação. Depois, deve-se responder a cada um, agradecendo as sugestões dadas. Eventuais críticas, positivas e negativas, devem ser transmitidas ao grupo e refletidas conjuntamente, avaliando o valor de cada uma.



Jovens do Escolhe Vilar aguardam o início de uma emissão da RadioActive101



Dinamizador comunitário do Esperança faz divulgação durante a emissão online através das redes sociais

Também é fundamental recolher o feedback dos jovens participantes ou presentes durante a emissão. Por isso, é preferível reter o grupo um pouco logo após a emissão e estimular os presentes a falarem. Se não for possível fazer isso no dia, marcar um horário, pelo menos com os jovens participantes e outros do centro, para falar do programa. Esse feedback faz parte do processo de aprendizagem e é importante que seja incorporado no trabalho seguinte.

REFLETIR E APRENDER

Para fundamentar este processo de reflexão e aprendizagem, o RadioActive Europe criou uma ficha de especificações de qualidade, para controlar os diferentes aspetos compreendidos na produção e emissão de um programa de rádio online em contexto educativo, com uma monitorização progressiva e construção de histórico. Esta ficha destina-se a tornar mais evidente ao grupo o que precisa de melhorar e em que aspetos já atingiu níveis satisfatórios.

ESPECIFICAÇÕES DE QUALIDADE (Emissões de rádio)

Centro:

Programa e data:

I. PLANEAMENTO

C1	O plano é criado democraticamente pelo grupo e incluindo todos, em vez de vir apenas de uma pessoa.	Sim	Não
C2	As decisões são tomadas e registadas.	Sim	Não
C3	Os planos são realistas e alcançáveis.	Sim	Não
C4	O processo de planeamento decorre atempadamente.	Sim	Não
C5	Uma pessoa assume a responsabilidade de tomar a decisão editorial final.	Sim	Não

Comentários:

II. PRÉ-PRODUÇÃO

C6	Cada membro do grupo compreende o seu papel e não o confunde com o planeamento geral.	Sim	Não
C7	Existe um storyboard técnico ou um diagrama da linha de sinal.	Sim	Não
C8	O papel de cada membro é atribuído e compreendido.	Sim	Não
C9.1	Há recursos humanos suficientes para cada função.	Sim	Não
C9.2	Há recursos técnicos suficientes para apoiar cada função.	Sim	Não
C10	Todas as verificações foram feitas.	Sim	Não
C11	Todo o conteúdo foi verificado e considerado aceitável pela pessoa responsável (o quadro editorial, etc).	Sim	Não
C12	Há um plano de contingência que a pessoa ou grupo responsável está pronto a implementar, caso algo inesperado aconteça.	Sim	Não

Comentários:

III. EMISSÃO AO VIVO

C13	Todo o equipamento técnico está a funcionar e pronto para emitir a tempo.	Sim	Não
C14	Cada membro do grupo sabe os seus papéis.	Sim	Não

C15	Cada membro do grupo apoia os outros membros.	Sim	Não
C16	A emissão é fácil e agradável de se ouvir.	Sim	Não
C17	A emissão é contínua sem silêncios.	Sim	Não
C18	A emissão está nivelada de forma consistente.	Sim	Não
C19	Há pelo menos uma pessoa que controla continuamente o som.	Sim	Não
C20	O conteúdo é bem editado, interessante para os ouvintes e claro.	Sim	Não
C21	O conteúdo corresponde à marca e identidade do programa.	Sim	Não
C22	Há uma continuidade de formato e produção.	Sim	Não
C23	Pelo menos um membro do grupo assegura a promoção e a interação com a audiência através dos media sociais durante o programa.	Sim	Não
C24	O controlador de qualidade técnica (papel atribuído) monitoriza a emissão e repara se algo está a acontecer durante o programa e dá feedback em tempo real.	Sim	Não
C25	O grupo está envolvido e orgulhoso do resultado.	Sim	Não

Comentários:

IV. PÓS-PRODUÇÃO

C26	Pelo menos um membro do grupo toma a responsabilidade de fazer a edição final (editar para normalizar o som, cortar os erros) de forma independente, com alguma ajuda ou ajudado de perto por um facilitador; ou pelo menos uma pessoa do grupo está interessada em aprender a editar.	Sim	Não
C27	O membro responsável pela edição final recolhe feedback e expectativas do conselho editorial, se aplicável.	Sim	Não
C28	A gravação foi disponibilizada online de acordo com a lei de direitos de autor.	Sim	Não

Comentários:

V. REFLEXÃO

C29	O programa foi seguido por um encontro de debriefing com todos os membros envolvidos.	Sim	Não
C30	A discussão de reflexão relaciona-se com coisas concretas constatadas durante a emissão e os membros reconhecem o valor dos resultados positivos e negativos.	Sim	Não
C31	Cada membro reconhece os aspectos individuais e de grupo.	Sim	Não
C32	O feedback é claro, honesto, justo e construtivo.	Sim	Não

C33	Todos os comentários são transformados em soluções, ações, novo conhecimento e sabedoria.	Sim	Não

Comentários:

VI. GERIR FEEDBACK E DISCURSOS

C34	Existe uma estratégia clara para incentivar o feedback das audiências, alimentado entre o grupo.	Sim	Não
C35	Existe uma tecnologia disponível que seja adequada e acessível para recolher feedback (Facebook, website, etc.).	Sim	Não
C36	Existe uma descrição clara da estratégia usada para gerir o feedback.	Sim	Não
C37	A estratégia para gerir o feedback está inserida no discurso de rádio. Durante a emissão as pessoas foram incentivadas a divulgar a emissão, designadamente nas redes sociais.	Sim	Não
C38	A estratégia reconhece as diferentes formas de recolher feedback: indireta e direta	Sim	Não
C39	A estratégia alcança grupos de múltiplos canais, pares, grupos de pares e media.	Sim	Não
C40	Responde-se ao feedback (”Obrigado pelo seu comentário”) e abre-se o potencial para mais discurso/diálogo.	Sim	Não
C41	O feedback é devolvido ao grupo.	Sim	Não
C42	O feedback com valor é reconhecido e dá forma a ações concretas.	Sim	Não

Comentários:

COMENTÁRIOS FINAIS GLOBAIS:

Intervenientes na produção do programa:

Notas sobre a emissão ao vivo:

Fonte: Relatório RadioActive Europe: promoting engagement, informal learning and employability of at risk and excluded people across Europe through internet radio and social media (RadioActive101). Relatório público apresentado ao Programa Aprendizagem ao Longo da Vida, Comissão Europeia; também no relatório D6.2 (Qualidade), Appendix 1
Disponivel em: http://radioactive101.eu/wp-content/uploads/2014/10/D1-6-public_part_report_llp_en_Final.pdf

A ficha pode ser descarregada como documento AQUI.

Links e recursos

Produzidos pelo RadioActive:

Facilitator's Guide



http://radioactive101.eu/facilitators-guide/

RadioActive101 Practices



https://goo.gl/AYpFAE

Outros:

-- Sobre rádio

"Introdução ao Audacity: Criação de Podcasts". Mário Araújo. 2010

Manual de iniciação ao software de edição de som Audacity, com imagens e explicação de operações de edição.



http://ensinolivre.pt/wp-content/uploads/Introducao ao Audacity_Criacao de Podcasts.pdf

“Community Radio Handbook” (2001)

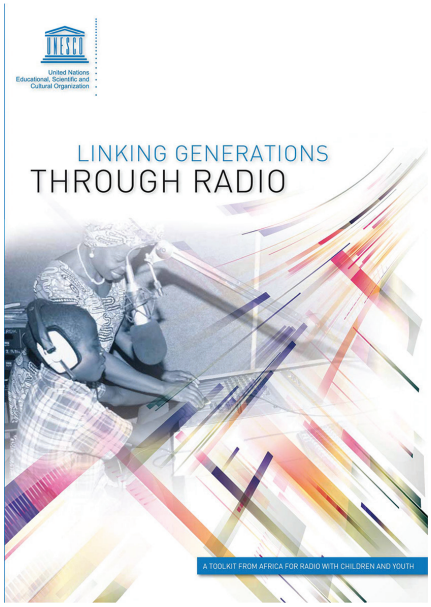
Este Manual com a chancela da UNESCO inclui os diversos passos para a implementação de rádios comunitárias em contextos culturais diferentes, pensando nos diferentes atores da comunicação: técnicos, operadores, produtores de rádio. Apresenta exemplos de rádios comunitárias de diferentes pontos do globo. Da autoria de Colin Fraser e Sonia Restrepo Estrada.



http://www.unesco.org/webworld/publications/community_radio_handbook.pdf

“Linking Generations through Radio: A Toolkit from Africa - For radio producers working with children and youth” (2013)

Este documento, editado pela UNESCO, pretende dar ferramentas e competências às estações de rádio comunitárias em África para envolverem jovens na produção de rádio, sabendo ouvi-los e dando-lhes voz. Da autoria de Yumna Martin, Clémence Petit Pierrot e Mike Rahfaldt.



http://en.unesco.org/radioict/linking-generations

-- Sobre os media

"25+UM – Agenda de Atividades de Educação para os Media" (2011)

Com organização de Sara Pereira, Luís Pereira e Vítor Tomé, esta é uma agenda prática para professores em torno de atividades de dinamização de educação para os media, com contributos de professores.



http://www.literaciamediatica.pt/pt/artigo/agenda-de-actividades-de-educacao-para-os-media

"Agenda de Atividades de Literacia Digital" (2013)

Organizado por Sara Pereira, Ademar Aguiar e Luís Pereira, reúne atividades, elaboradas por investigadores ou profissionais de educação, que pretendem incentivar um uso criativo e criterioso das plataformas e das redes digitais, procurando promover a literacia digital das crianças. Destinado a alunos, professores, pais e encarregados de educação.



http://goo.gl/rmtKCJ

“Desenvolver as competências dos alunos através do eTwinning” (2014)

O eTwinning é uma plataforma colaborativa para profissionais da educação (educadores de infância, professores, diretores, bibliotecários) que trabalham em escolas dos países europeus, com recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação, proporcionando apoio, ferramentas e serviços que facilitam, em qualquer área disciplinar, a criação de parcerias, de curta ou longa duração. Este recurso é um manual de atividades para trabalhar as Competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida.



http://files.eun.org/etwinning/book2014/PT_Etwinning_2014.pdf

“Aprender com a biblioteca escolar – Referencial de aprendizagens associadas ao trabalho das bibliotecas escolares na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico” (2012)

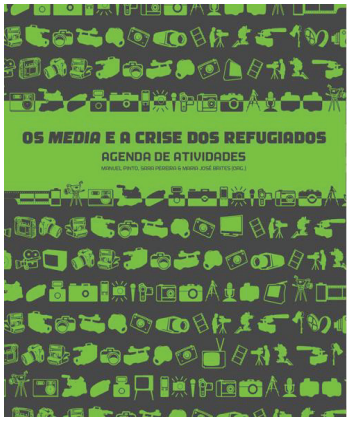
Coordenado pelas professoras-bibliotecárias Elsa Conde, Isabel Mendinhos, Paula Correia, Rosa Martins, da Rede de Bibliotecas Escolares do Ministério da Educação, o Referencial inclui estratégias de operacionalização e exemplos de atividades em diferentes disciplinas e áreas curriculares para as áreas da literacia da leitura, dos media e da informação.



http://rbe.addition.pt/np4/conteudos/np4/?newsId=681&fileName=Aprender_com_a_biblioteca_escolar.pdf

“Os Media e a Crise dos Refugiados: Agenda de atividades” (2015)

Com organização de Manuel Pinto, Sara Pereira e Maria José Brites, esta Agenda colige atividades, na sua maioria dedicadas a crianças e jovens, tendo como principal centro de ação as instituições escolares. Inclui atividades que apresentam diferentes ângulos de abordagem desta problemática, recorrendo aos media como objeto de exploração e análise, ou como recurso de aprendizagem.



http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/184

European Media Education Lab

Recursos de educação para os media, inclusive usando a rádio.

http://www.europeanmediaeducationlab.com/lesson-plans.html

Referências

Brites, M. J.; Santos, S. C.; Jorge, A.; Navio, C. (2014). "Problematizar para intervir: rádio online e educação para os media como estratégia de inclusão de jovens", Observatorio (OBS*) 8, 1, pp. 145-169. ISSN: 1646-5954

Brites, M. J.; Ravenscroft, A.; Dellow, J.; Rainey, C.; Jorge, A.; Santos, S. C.; Rees, A.; Auwärter, A.; Catalão, D.; Balica, M.; Camilleri, A. F. (2014). RadioActive101 Practices. http://doi.org/10.13140/2.1.3083.0409. Disponível em https://goo.gl/AYpFAE

Vieira, P. (2015). Metodologias Participativas: Os media e a educação, Brites, M. J.; Jorge, A.; Santos, S. C., Eds.. Covilhã: LabCom Books, pp. 77-86.
Disponível em http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/139.

Davies, B. (1996). “At your service?”, Young People Now, August, pp. 26-27.

Glassman, U.; Kates, L. (1990). Group Work Theory: a humanistic approach. London: Sage.

Gomez-Monroy, C. (2004). Empowerment through Community Web Radio. MS thesis, Massachusetts Institute of Technology. Disponível em: http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/26743

Postman, N.; Weingartner, C. (1971). Teaching as a Subversive Activity. London: Penguin Books Ltd.

Seneviratne, K. (2012). Peoples’ Empowerment: Community Radio in Asia and Beyond. Singapura: AMIC - Asia Media Information and Communication Centre.

The National Youth Agency (2004). Ethical Conduct in Youth Work. Leicester: NYA.